

NOTAS TAXONÔMICAS EM *LEANDRA* RADDI (MELASTOMATACEAE)TAXONOMIC NOTES IN *LEANDRA* RADDI (MELASTOMATACEAE)MARIA LEONOR D'EL REI SOUZA¹JOSÉ FERNANDO A. BAUMGRATZ²**RESUMO**

Apresentam-se comentários taxonômicos e novos sinônimos para *L. carassana* (DC.) Cogn. (seção *Carassanae*) e *L. glazioviana* Cogn. (seção *Leandraria*) e uma nova combinação – *L. euphorbioides* (Naudin) D'El Rei Souza & Baumgratz (seção *Chaetodon*). Discute-se a distribuição geográfica do gênero *Leandra* Raddi, bem como de *L. xanthostachya* Cogn., para a qual se destaca pela primeira vez a ocorrência no sul do Brasil.

Palavras-Chave: *Leandra*, Melastomataceae, Taxonomia, Brasil.

ABSTRACT

Some comments and new synonyms to *L. carassana* (DC.) Cogn. (section *Carassanae*) and *L. glazioviana* Cogn. (section *Leandraria*) are presented, as well as a new combination – *L. euphorbioides* (Naudin) D'El Rei Souza & Baumgratz (section *Chaetodon*). The geographic distributions of the genus *Leandra* and *L. xanthostachya* Cogn. are reviewed, and the occurrence of this species in south Brazil is pointed out for the first time.

Key words: *Leandra*, Melastomataceae, Taxonomy, Brazil.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, CCB, Departamento de Botânica; delrei@ccb.ufsc.br

² Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, Programa Diversidade Taxonômica; Bolsista de Produtividade/CNPq; jbaumgra@jbrj.gov.br

INTRODUÇÃO

Os últimos estudos revisionais sobre *Leandra* para o Brasil e o mundo datam do século XIX (Cogniaux 1886, 1891), sendo comum se deparar atualmente com problemas de natureza taxonômica durante a identificação de exemplares. Vários espécimes deste gênero são encontrados ora indeterminados ora identificados equivocadamente em gêneros afins, em especial *Miconia* Ruiz & Pav. e *Ossaea* DC. (Judd & Skee 1991; Souza 1998; Wurdack 1962, 1970), bem como determinados como *affinis* (*af.*) ou *conformis* (*cf.*) para diferentes espécies de *Leandra*. De *Clidemia* D. Don, *Miconia* e *Ossaea*, gêneros mais relacionados, *Leandra* difere, principalmente, pelo conjunto dos seguintes estados de caracteres: inflorescências terminais e/ou pseudo-axilares, botões florais de ápice agudo a acuminado, pétalas atenuado-acuminadas a agudas e frutos carnosos, dos tipos bacídio e bacáceo (Baumgratz 1983-1985), polispérmicos.

Estudos taxonômicos no gênero *Leandra* têm levado os presentes autores a realizar correções nomenclaturais, atualizar circunscrições específicas e descrever espécies novas para a flora brasileira (Baumgratz & Souza, inédito; Souza & Baumgratz, inédito *a, b*). Deste modo, objetivando trazer novas contribuições à taxonomia desse gênero, apresentam-se novos sinônimos e uma combinação nova para espécies de *Leandra* seções *Carassanae*, *Chaetodon* e *Leandraria*, bem como comentários sobre a distribuição geográfica deste gênero e de *L. xanthostachya*.

MATERIAL E MÉTODOS

Os dados obtidos resultam de revisão bibliográfica e análise das coleções disponíveis nos herbários BHMH, BM, BR, C, ESA, FLOR, G, GUA, HB, HBR, HRCB, K, M, NY, OXF, P, MBM, SP, SPF, SPSF, R, RB, UEC e US (Holmgren *et al.* 1990), inclusive materiais e fotografias de tipos, em especial dos gêneros *Leandra* e *Ossaea*. Adota-se o sistema de classificação para *Leandra* proposto por Cogniaux (1886, 1891).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Leandra está constituído por cerca de 200 espécies, distribuídas pelas regiões tropicais e subtropicais das Américas. Sua distribuição geográfica tem sido registrada desde o sul do México até o norte da Argentina e, de acordo com Rambo (1958, 1966), no Uruguai, sendo pouco expressivo nas Guianas e particularmente numeroso na região Sudeste do Brasil. Embora Cogniaux (1891) tenha citado a ocorrência de algumas espécies de *Leandra* para Cuba e Nova Granada, alguns autores, como Standley &

Williams (1963), Soukup (1971), Wurdack (1973, 1993) e Gröger (2001), assinalam a ausência desse gênero nas Antilhas (*West Indies*). Por sua vez, Lucena (1983), ao estudar *Leandra* para a Argentina, engloba as Antilhas na delimitação de sua distribuição geográfica apresentada num mapa.

Recentemente, Judd & Skean (1991) desenvolveram um estudo taxonômico sobre a tribo Miconieae, transferindo coerentemente para *Leandra* diversas espécies de *Ossaea* com inflorescências terminais. Assim, considerando-se que várias destas espécies ocorrem em regiões caribenhas, como as ilhas de Cuba, Hispaniola e Jamaica, confirma-se a ocorrência desse gênero para as Antilhas.

***Leandra glazioviana* Cogn. in Martius & Eichler, Fl. Bras. 14(4): 86, t. 18, fig. 1. 1886. Tipo: Habitat in prov. Rio de Janeiro, Teresópolis, serra dos Órgãos, I.1875, Glaziou 7616 (holótipo - P!; isotipos - K!, R!).**

L. melastomoides Raddi var. *paulina* Cogn. in Martius & Eichler, Fl. Bras. 14(4): 85. 1886. *Syn. nov.*

L. pubistyla Wurdack, Phytologia 20(6): 374-375. 1970. *Syn. nov.*

Ao estudar as Melastomataceae para a flora do estado de Santa Catarina, Wurdack (1962) aceita *L. melastomoides* var. *paulina*, diagnosticando-a principalmente pelo indumento curto-estriguloso na base do estilete e maior comprimento das pétalas. Entretanto, em 1970, Wurdack tendo examinado um dos sintipos dessa variedade (*Sellow s.n.*), considerou-a não pertencente a *L. melastomoides*, reconhecendo-a como uma espécie autônoma e estabelecendo um nome novo - *L. pubistyla*. Apesar de não ter indicado um lectótipo para esta espécie, justificando isto por não dispor do outro sintipo (*Riedel 1791*), salientou que a espécie está também amplamente representada por recentes coleções. Deste modo, depreende-se que aqueles exemplares examinados para a flora catarinense (Wurdack 1962) e o espécime *Sellow s.n.* são conspecíficos a *L. pubistyla*.

Examinando-se a maioria dos espécimes citados por Wurdack (1962) - *Reitz & Klein 1682, 4529, Reitz 6055, Klein 2226* - bem como outros exemplares - *Reitz & Klein 2658, 3122, 7132* - que esse autor também identificou como *L. melastomoides* var. *paulina*, observa-se, pelas características morfológicas, que todos correspondem de fato a um táxon independente de *L. melastomoides*.

Durante o estudo de *Leandra* para a flora do estado de São Paulo (Souza & Baumgratz, inédito a), pôde-se observar que *L. melastomoides* é uma espécie muito próxima de *Leandra glazioviana*. Pelo aspecto geral da morfologia externa, principalmente do indumento e da forma e textura das folhas, em muito se assemelham, razão pela qual espécimes de herbário têm sido identificados de modo equivocado. Provavelmente, foram essas as características que levaram Wurdack (1962) a identificar espécimes da flora catarinense como pertencentes a *L. melastomoides*.

Considerando-se o maior número de exsicatas atualmente disponíveis, nota-se que as características utilizadas por Cogniaux (1886, 1891) para distinguir *L. melastomoides* de *L. glazioviana*, em sua chave analítica, são pouco consistentes e não diagnósticas. Além disso, este autor circunscreve *L. melastomoides* var. *paulina* apenas por características vegetativas muito frágeis para a distinção deste táxon infra-específico.

Analisando-se o isótipo de *L. glazioviana* (*Glaziou 7616*), observa-se como características marcantes as maiores dimensões de brácteas, hipanto, lacínias externas e internas do cálice, pétalas e filetes. O estilete também pode auxiliar na identificação desse táxon, por se apresentar geralmente esparso-estriguloso desde a base até 2/3 do seu comprimento, embora às vezes seja glabro - essa caracterização do indumento não foi assinalada na descrição original de Cogniaux (1886). Por sua vez, Wurdack (1962) também utilizou o maior comprimento das estruturas florais para circunscrever *L. melastomoides* var. *paulina* (= *L. pubistyla*) e descreveu o estilete deste táxon como 1/2-2/3 basais esparsa a moderadamente curto-estrigulosos. A associação dessas características morfológicas não possibilita separar esses táxons, entretanto distingue *L. glazioviana* de *L. melastomoides*.

Desse modo, reconhece-se que *L. glazioviana* e *L. pubistyla* correspondem a um único táxon e que o primeiro nome tem prioridade, sob o ponto de vista nomenclatural, razão pela qual *L. pubistyla* é sinonimizado. Além disso, concorda-se com Wurdack (1970) quando assinala a impossibilidade de se utilizar o epíteto *paulina* para criar um novo nome específico em *Leandra*, pois Candolle (1828) já havia descrito *L. paulina*, uma espécie distinta.

Leandra glazioviana encontra-se ilustrada em Cogniaux (1886b), figura 18.I.

Material selecionado: SÃO PAULO: **Apiáí**, VIII.1891, *J. Puiggari s.n.* - C.G.G. 3689 (SP 4765). **Cajuru**, III.1910, *H. Luederwaldt. s.n.* (SP 14414). **Cunha**, VIII.1994, *G.A.D.C. Franco & M.L. Kawazaki 1251* (SP, SPF, SPSF). **Eldorado**, IX.1995, *R.R. Rodrigues et al. 215* (ESA, HRCB, SP, SPF). **Ibiúna**, XI.1987, *C.B. Toledo & S. Romaniuc Neto 348* (SP). **Juquitiba**, IV.1995, *R. Simão-Bianchini & S. Bianchini 649* (SP, UEC). **Miracatu**, IV.1981, *P. Martuscelli 1* (SP). **Santo André**, XII.1977, *M. Kirizawa 172* (SP). **São Bernardo do Campo**, VI.1994, *S. Ferreira s.n.* (SP 270363). **São Paulo**, I.1907, *A. Usteri 52* (SP). SANTA CATARINA: **Blumenau**, Lajeado Alto, II.1985, *M.L. Souza et al. 628* (FLOR); idem, XI.1986, *D.B. Falkenberg 3814* (FLOR); idem, XI.1986, *D.B. Falkenberg 3817* (FLOR); idem, XI.1986, *D.B. Falkenberg 3826* (FLOR); idem, XI.1986, *D.B. Falkenberg 3841* (FLOR); idem, XI.1986, *D.B. Falkenberg 3891* (FLOR); idem, XI.1986, *D.B. Falkenberg 3894* (FLOR); idem, XI.1986, *D.B. Falkenberg 3901* (FLOR); idem, XI.1986, *D.B. Falkenberg 3917* (FLOR). **Ibirama**, Horto Florestal I.N.P., III.1954, *Reitz & Klein 1682* (HBR); idem, II.1956, *Reitz & Klein 2658* (HBR); idem, IV.1956, *Reitz & Klein 3122* (HBR). **Rio do Sul**, serra do Matador, XII.1958, *Reitz 6055* (HBR); idem, IX.1958, *Reitz & Klein*

7132 (HBR). Vidal Ramos, Sabiá, VII.1957, *Reitz & Klein 4529* (HBR); idem, XI.1957, *Klein 2226* (HBR).

***Leandra carassana* (DC.) Cogn.** in Martius & Eichler, Fl. Bras. 14(4): 120. 1886. Tipo: *In sylvis editis montis Carassa prov. Min. Ger. Brasiliae, Martius s.n.* (M! – holótipo).

Clidemia carassana DC., Prodr. 3: 162. 1828.

Melastoma carassanum Schr. & Mart. in DC., Prodr. 3: 162. 1828. Pro syn.

Leandra sublanata Cogn. in Martius & Eichler, Fl. Bras. 14(4): 118-119, t. 27, fig. 2. 1886. Tipo: *Habitat in prov. Minas Geraes ad Serra da Mantiqueira, V.1880, Warming 181* (C! – lectótipo, aqui designado). *Syn. nov.*

Leandra sublanata var. *alpha* Wurdack, Sellowia 14: 187. 1962. *Nom. nud.*

Candolle circunscreve *Clidemia carassana* em 1828, utilizando, entre outros caracteres, o indumento velutino dos ramos, pecíolos, inflorescências e face abaxial da lâmina foliar, constituído de tricomas estrelados e curtos, folhas longamente pecioladas, ovadas, de ápice acuminado, e a face adaxial um tanto áspera, com tricomas simples e curtos, cinco nervuras acródomas curtamente suprabasais, panículas terminais, estilete longo e ovário de ápice setoso.

Em 1886, Cogniaux não só transfere esta espécie para o gênero *Leandra*, ampliando detalhadamente sua circunscrição, como descreve uma nova espécie muito afim - *L. sublanata*. Entretanto, na chave analítica, utiliza apenas uma única característica, muito frágil, para distingui-las entre si – folhas do mesmo nó iguais ou não em suas dimensões.

Comparando-se as descrições de Cogniaux (1886, 1891) para essas duas espécies, observa-se que algumas características - em particular o comprimento e a densidade de tricomas nos ramos, folhas e hipanto, ocorrência de anisofilia, forma das lâminas foliares e relação entre comprimento do hipanto e o das lacínias do cálice - aparentemente poderiam corroborar a existência de duas entidades taxonômicas. Entretanto, ao se analisar os tipos nomenclaturais de *L. carassana* (*Martius s.n.*) e *L. sublanata* (*Warming 180, 181*), bem como numerosas e recentes coleções botânicas de diversos herbários, evidencia-se que esses táxons correspondem a uma mesma espécie, pois essas características morfológicas não são exclusivas, havendo também sobreposição de estados de caráter e formas intermediárias, às vezes num mesmo exemplar. Com base nos sintipos de *L. sublanata*, por exemplo, nota-se que esta espécie tem tanto folhas de base agudo-atenuada, semelhante ao descrito por Cogniaux (1886, 1891), quanto folhas com base arredondada, como descritas para *L. carassana*. Além disso, no holótipo de *L. carassana*, as folhas com base aguda ou obtusa aproximam-se mais à caracterização feita para as lâminas foliares de *L. sublanata* na obra original.

Igualmente, quando se analisa a densidade e o comprimento dos tricomas, nota-se que também não há uma correspondência com o que Cogniaux (1886, 1891) estabeleceu como diagnóstico para estas espécies, pois não só há sobreposição nas caracterizações apresentadas, como ocorre um gradiente contínuo de valores (curto a longo, esparsos a densos), inclusive num mesmo exemplar. Este autor descreveu esses tricomas como plumosos e crespos, mas eles podem ser classificados atualmente como do tipo dendrítico (Metcalf & Chalk 1979; Wurdack 1986), apresentando uma expressiva variação no seu comprimento e na forma e no número de hastes ao longo do eixo principal, além de ocorrer tricomas setulosos (Fig. 1).

Desse modo, propõe-se *L. sublanata* como um sinônimo de *L. carassana*, por não se identificar caracteres morfológicos diagnósticos ou um conjunto de atributos suficientemente consistentes para distingui-las como espécies autônomas.

Wurdack (1962) distingue *L. sublanata* var. *alpha*, sem, entretanto, descrever qualquer diagnose latina. Utiliza as dimensões da lâmina foliar e a densidade, o tipo e o comprimento dos tricomas nos ramos e ovário para separá-la da variedade típica. Porém, à semelhança do comentado anteriormente, essas características também não sustentam o estabelecimento de táxons infra-específicos em *L. carassana*.

Esta espécie encontra-se ilustrada em Cogniaux (1886), figura 27.II, como *L. sublanata*.

Material selecionado: ESPÍRITO SANTO: Itaguassú, V.1946, *A.C. Brade et al.* 18386 (RB). MINAS GERAIS: Barbacena, s.d., *Warming* 180 (C – parátipo de *L. sublanata*). PARANÁ: Campina Grande do Sul, V.1967, *G. Hatschbach* 16443 (HBR). Colombo, I.1985, *D.B. Falkenberg* 2214 (FLOR). Ponta Grossa, X.1987, *D.B. Falkenberg & M.L. Souza* 4441 (FLOR). Vila Velha, XII.1948, *C. Rizzini et al. s.n.* (RB 80753). RIO DE JANEIRO: Itatiaia, XI.1942, *W.D. Barros* 848 (RB). Teresópolis, IV.1941, *A.C. Brade* 16775 (RB). RIO GRANDE DO SUL: Cambará do Sul, VIII.1983, *M. Sobral & R. Bassanetti* 2147 (FLOR). Camaquã, IX.1985, *M. Sobral et al.* 4154 (FLOR). Canela, II.1986, *M. Sobral* 4956 (FLOR). São Francisco de Paula, II.1956, *Rambo* 59255 (HBR). SANTA CATARINA: Antonio Carlos, VI.1992, *D.B. Falkenberg & A. Zanin* 5793 (FLOR). Blumenau, II.1985, *M.L.Souza et al.* 639 (FLOR). Brusque, X.1947, *Reitz* 1921 (HBR). Caçador, IV.1962, *Reitz & Klein* 12857 (FLOR, HBR). Campo Alegre, II.1958, *Reitz & Klein* 6481 (HBR). Ilhota, X.1986, *D.B. Falkenberg* 3553 (FLOR). Joinville, III.1958, *Reitz & Klein* 6631 (HBR). Lajes, XII.1956, *Smith & Klein* 8024 (HBR). Lauro Müller, para Uruçanga, VII.1958, *Reitz & Klein* 6801 (HBR). Palhoça, IX.1956, *Reitz & Klein* 3795 (HBR). Rio do Sul, VIII.1958, *Reitz & Klein* 6923 (HBR). Santo Amaro da Imperatriz, XI.1989, *D.B. Falkenberg & J. Albuquerque* 4867 (FLOR). São Joaquim, II.1963, *Reitz* 6655 (HBR). São José, XII.1960, *Reitz & Klein* 10567 (HBR). SÃO PAULO: Bananal, V.1936, *A.C. Brade* 15246 (RB). Bocaina, IV.1894, *A. Lofgren s.n.* – *C.G.G.* 2433 (SP 4762). Boracéia,

XI.1948, *M. Kuhlmann 1723* (SP). **Campos do Jordão**, II.1937, *C. Porto 3169* (RB); VII.1988, *A.B. Joly 496* (SP). **Cunha**, III.1994, *J.B. Baitello 597* (SP, SPSF). **Itararé**, V.1995, *P.H. Miyagi et al. 635* (ESA, SP, UEC). **Piquete**, V.1996, *I. Koch et al. 591* (ESA, HRCB, SP, SPF, UEC). **Santo André**, IX.1988, *M. Sugiyama & M. Kirizawa 788* (SP). **São Bento do Sapucaí**, VIII.1994, *J.Y. Tamashiro et al. 572* (HRCB, SP, SPF, UEC). **São José do Barreiro**, III.1951, *S. Vianna 2525* (RB); V.1959, *G.F.J. Pabst 4818* (HB). **São Paulo**, II.1913, II.1995, *R.J.F. Garcia et al. 552* (SP, UEC).

***Leandra euphorbioides* (Naudin) D’El Rei Souza & Baumgratz, nov. comb.**

Clidemia euphorbioides Naudin, Ann. Sci. Nat., sér. 3, 17(5): 370. 1851.

Tipo: *Serra da Chapada prope Ouro Preto, Riedel s.n.* (P! - lectótipo, aqui designado; FLOR! - foto do lectótipo).

Ossaea euphorbioides (Naudin) Triana, Trans. Linn. Soc. Bot. 28: 147. 1871.

Essa espécie enquadra-se em *Leandra*, principalmente por apresentar inflorescências terminais, às vezes posteriormente pseudo-axilares, botões florais de ápice agudo, pétalas de ápice agudo-atenuado, frutos do tipo bacídio, polispérmicos, e sementes obpiramidais.

Leandra euphorbioides foi primeiramente enquadrada em *Clidemia* por Naudin (1851), uma vez que ao descrever para este gênero o ápice das pétalas como agudo ou acuminado, alterou radicalmente a circunscrição original feita por Don (1823), que o havia caracterizado como tendo pétalas com ápice obtuso a subarredondado. Ainda nesse trabalho, Naudin assinalou para *Clidemia* as inflorescências como axilares e terminais e as flores como pentâmeras.

As circunscrições genéricas feitas por Naudin (1851, 1852) acarretaram, conseqüentemente, um agrupamento artificial tanto para *Clidemia* quanto para *Leandra*. Este autor, em 1852, ainda destacou a afinidade destes dois gêneros, bem como *Leandra* estar constituído de espécies morfológicamente muito diversas. Contudo, ao incluir espécies que não se integravam nas respectivas descrições originais de ambos os gêneros, Naudin (1851, 1852) acentua essa artificialidade que ele próprio reconheceu.

Em 1865 e 1871, Triana trouxe uma grande contribuição à sistemática das Melastomataceae, propondo uma nova e abrangente classificação para o grupo e resgatando muitas das circunscrições originais de vários gêneros, como por exemplo *Clidemia* e *Ossaea*. Entretanto, equivocou-se ao enquadrar a espécie até então chamada *C. euphorbioides*, com inflorescências terminais, em *Ossaea*, um gênero caracterizado pelas inflorescências verdadeiramente axilares (Candolle 1828; Souza 1998, 2002).

Ao se analisar os sintipos de *C. euphorbioides* - *Riedel s.n.* (P, foto FLOR) e *Claussen s.n.* (P, foto FLOR), ambos coletados em Minas Gerais, na Serra da Chapada, além de outros exemplares coletados por Claussen e recentes coleções de herbários brasileiros, observam-se, de modo consistente, aquelas características diagnósticas

citadas anteriormente para *Leandra*, razão pela qual se propõe a nova combinação.

Considerando-se as inflorescências terminais, às vezes posteriormente pseudo-axilares, essa espécie pode ser subordinada à seção *Chaetodon*, ressaltando-se, ainda, como particularidades específicas os ramos com aspecto umbeliforme na extremidade da planta, folhas geralmente ternadas, às vezes opostas, pêndulas e coriáceas, pétalas alvas a róseas, com a face abaxial glanduloso-granulosa, estames inapêdiculados e frutos maduros com tricomas glandulares longos. Pelas lâminas foliares com 3-5 nervuras acródomas suprabasais, posição das inflorescências e tipo de indumento glanduloso-granuloso nas estruturas vegetativas e florais, essa espécie aproxima-se de *L. penduliflora* (Naudin) Cogn. e *L. dolichodon* (Cham.) Cogn.

De acordo com Cogniaux (1886), os espécimes correspondentes à coleção *Glaziou 14781* teriam sido coletados no estado do Rio de Janeiro. Entretanto, com base nas etiquetas dos exemplares depositados nos Herbários BR e P e nos dados publicados por Glaziou (1909), essas amostras procederam do estado de Minas Gerais.

Esta espécie encontra-se ilustrada em Cogniaux (1888), figura 119.II, como *O. euphorbioides*.

Material selecionado: BRASIL. MINAS GERAIS: **Caraça**, VII.1884, *Glaziou 14781* (BR, C, G, K, 3x P, 2x R); **Jaboticatubas**, XI.1944, *M. Magalhães 2267* (BHMH); **Ouro Preto**, serra de Lavras Novas, VIII.1960, *B. Maguire et al. 49297* (NY); Três Moinhos, XII.1992, *M.L. Souza & I.L. Lopes 1288* (FLOR); idem, X.1993, *M.L. Souza & J.L. Silva 1385* (FLOR); **Mun. indet.**, serra da Chapada, 1839, *Claussen s.n.* (parátipos – G, P); serra da Chapada, s.d. (fl, fr), *Lund s.n.* (C); 1840, *Claussen 11* (parátipos – BM, BR, G); X.1839, *Claussen 85* (parátipo – G); 1840, *Claussen 347a* (parátipos – 2x BR); 1838, *Claussen 605* (parátipos – BR; C; NY; P – foto FLOR; US); 1841, *Claussen 1657* (parátipos – 2x P); 1840, *Claussen s.n.* (parátipos – BM; 2x BR; 3x K; OXF; P); 1891/2, *Glaziou 19341b* (BR, P).

***Leandra xanthostachya* Cogn.** in Mart. & Eichler, Fl. Bras. 14(4): 93, t. 20. 1886.

A distribuição geográfica dessa espécie tem sido assinalada, até então, para os estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo (Cogniaux 1886, 1891; Souza & Baumgratz, inédito a). Contudo, com base em raras coleções provenientes da região Sul do Brasil, amplia-se sua área de ocorrência para os estados do Paraná e de Santa Catarina.

Em *L. xanthostachya*, as amplas inflorescências têm os tricomas de cor amarela a alvo-amarelada e flores com pétalas alvas a creme e anteras amarelas.

Material examinado: PARANÁ: **Campina Grande do Sul**, serra da Virgem Maria, XI.1968, *G. Hatschbach 20302* (HBR). SANTA CATARINA: **Blumenau**, fazenda Faxinal (Florestal R.H. Ltda.), XI.1986, *D.B. Falkenberg 3936* (FLOR).

AGRADECIMENTOS

Ao Dr. Daniel B. Falkenberg, professor da Universidade Federal de Santa Catarina, pelas sugestões, e aos curadores dos herbários, pelos empréstimos concedidos. Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa de Produtividade em Pesquisa concedida ao segundo autor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baumgratz, J.F.A. 1983-1985. Morfologia dos frutos e sementes de Melastomataceae brasileiras. **Arquivos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro** 27: 113-155.
- _____ & Souza, M.L.D.R. INÉDITO. Duas novas espécies de *Leandra* Raddi (Melastomataceae) para o Estado de São Paulo, Brasil. No prelo - **Acta Botanica Brasilica**.
- Candolle, A.P. De. 1828. Melastomaceae. In: **Prodromus systematis naturalis regni vegetabilis**. Paris, Treuttel *et* Wurtz, v. 3, p. 99-202.
- Cogniaux, A. 1886. Melastomataceae. In: C.F.P. Martius & A.G. Eichler (eds.), **Flora Brasiliensis**. Monachii, Lipsiae Frid. Fleischer, v.14, pt. 4, p. 1-209, tab. 1-130.
- _____. 1888. *Ossaea* DC. In: C.F.P. Martius & A.G. Eichler (eds.), **Flora Brasiliensis**. Monachii, Lipsiae Frid. Fleischer, v.14, pt. 4, p. 541-556, tab. 116-119.
- _____. 1891. Melastomaceae. In: A. De Candolle & C. De Candolle (eds.), **Monographiae Phanerogamarum**. Paris, G. Masson, v. 7, p. 1-1256.
- Don, D. 1823. An illustration of the natural family of plants called Melastomaceae. **Memoires Wernerian Society** 4: 276-329.
- Glaziou, A.F.M. 1909. Melastomatacées. In: *Plantae Brasiliae centralis a Glaziou lectae*. Liste des plantes du Brésil Central recueillies en 1861-1895. **Mémoires Société Botanique de France** 1(3): 240-298.
- Gröger, A. 2001. *Leandra* Raddi. In: P.E. Berry, K. Yatskievych & B.K. Holst (eds.), **Melastomataceae - Flora of the Venezuelan Guayana**. Missouri Botanical Garden Press, St. Louis, p. 350-362.
- Holmgren, P.K., Holmgren, N.H. & Barnett, L.C. 1990. **Index Herbariorum. Part I: The Herbaria of the world. Regnum vegetabile**. New York Botanical Garden, New York. 8 ed., 693 p.
- Judd, W.S. & Skee, J.D. Jr. 1991. Taxonomic studies in the Miconieae (Melastomataceae). IV. Generic realignments among terminal-flowered taxa. **Bulletin of Florida Museum of Natural History** 36 (2): 25-84.
- Lucena, I.D. 1983. Las especies argentinas de *Leandra*. **Lilloa** 36(1): 43-58.
- Metcalfe, C.R. & Chalk L. 1979. **Anatomy of dicotyledons**. Oxford, Clarendon Press, v.1.
- Naudin, C. 1851. Melastomatacearum quae in Musaeo Parisiensi Continentur Monographicae

- Descriptionis et Secundum Affinitates Distributionis Tentamen. **Annales des Sciences Naturelles, sér. 3, 17(5):** 305-382.
- _____. 1852. Melastomacearum quae in Musaeo Parisiensi Continentur Monographicae Descriptionis et Secundum Affinitates Distributionis Tentamen **Annales des Sciences Naturelles, sér. 3, 18(2):** 85-154.
- Rambo, B. 1958. Geografia das Melastomatáceas riograndenses. **Sellowia 9:** 147-167.
- _____. 1966. Melastomataceae riograndenses. **Pesquisas, Botânica 22:** 1-45.
- Souza, M.L.D.R. 1998. **Revisão taxonômica do gênero *Ossaea* DC. (Melastomataceae) no Brasil.** Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- _____. 2002. O gênero *Ossaea* DC. (Melastomataceae) no Brasil: circunscrição e notas taxonômicas. **Insula 31:** 1-28.
- _____. & Baumgratz, J.F.A. INÉDITO(a). *Leandra* Raddi. In: M.G.L. Wanderley, G.J. Shepherd & A.M. Giulietti (Coords.), **Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo - Melastomataceae.** Editora Hucitec, São Paulo.
- _____. & Baumgratz, J.F.A. INÉDITO(b). *Leandra lapae* D'El Rei Souza & Baumgratz (Seção *Leandrarina*; Miconieae; Melastomataceae), nova espécie do Brasil. No prelo – **Revista Brasileira de Botânica.**
- Soukup, J. 1971. Las Melastomatáceas del Peru, sus géneros y lista de especies. **Biota 8(68):** 394-432.
- Standley, P.C. & Williams, L.O. 1963. Melastomaceae. In: Flora of Guatemala - part VII. **Fieldiana 24(4):** 407-525.
- Triana, J. 1865. Dispositivo melastomacearum. **Bulletin Cong. Int. Bot. d'Amsterdam:** 457-461.
- _____. 1871. Les Mélastomacées. **Transactions of the Linnean Society of London, Botany, 28(1):** 1-188.
- Wurdack, J.J. 1962. Melastomataceae of Santa Catarina. **Sellowia 14(14):** 109-217.
- _____. 1970. Certamen melastomataceis XVI. **Phytologia 20(6):** 369-389.
- _____. 1973. *Leandra* Raddi. In: T. Lasser (ed.), **Flora de Venezuela - Melastomataceae.** Instituto Botánico, Caracas, Ministerio de Agricultura y Cría, v. 8, pte. 2, p. 688-714.
- _____. 1986. Atlas of hairs for Neotropical Melastomataceae. **Smithsonian Contributions to Botany 63:** 1-80.
- _____. 1993. *Leandra* Raddi. In: A.R.A. Görts-van Rijn (ed.), **Flora of the Guianas - Melastomataceae.** Koeltz Scientific Books, Koenigstein, p. 115-131.

Figura 1: Variação morfológica dos tricomas dendríticos (exceto fig. 11) ocorrente nos espécimes de *Leandra carassana* (DC.) Cogn.: a-b – *A.C. Brade* 16775; c – *S. Vianna* 2525; d-e, n – *J.B. Baitello* 455; f-i – *A.C. Brade s.n.* (SP23848); j-k, m – *S.A.C. Chiea* 228; l (tricoma setuloso da face adaxial da lâmina foliar) - *Warming* 180. Escala = 0,5mm.

